

ATIVIDADES DO MUSEU PLINIO AYROSA

O Museu Plínio Ayrosa do Departamento de Ciências Sociais vem organizando, anualmente, exposições temporárias que visam dar conhecimento ao público de aspectos representativos das culturas indígenas do Brasil. Igualmente objetivam apresentar o acervo do Museu que conta com coleções etnográficas coletadas desde o início deste século, assim como outras, novas, reunidas por alunos e professores do Departamento. Nestas coleções estão representados praticamente todos os grupos indígenas do país, incluindo grupos extintos e exemplares de artefatos que já não são produzidos pelos atuais indígenas.

As exposições focalizam áreas geográficas ou culturais indígenas enfocando, através da mostra de objetos da cultura material, temas de interesse para o conhecimento das sociedades indígenas. Essas manufaturas evidenciam estilos diferentes ao mesmo tempo que ilustram o uso variado de matérias-primas, ou ainda mostram influências aculturativas entre populações e, a um nível didático, a especificidade de cada cultura ao mesmo tempo que apresentam as semelhanças e divergências culturais existentes entre as numerosas sociedades que formam o mosaico de grupos indígenas do Brasil.

1979 — *Os Grupos Jê do Brasil Central*

A exposição apresentou peças coletadas nos últimos cinco anos por pesquisadores do Departamento de Ciências Sociais (FFLCH/USP) que trabalham com grupos Timbira (Gaviões, do Pará, e Krahó, de Goiás), Kayapó (Xikrin, do rio Cateté, e Mekranoti, do rio Iriri, ambos no Pará), Acuen (Xavante, do Mato Grosso) e Kaingang-Xokleng, do sul do país. Outros povos, como os Canela (Timbira), do Maranhão, e Xerente (Acuen), de Goiás, foram representados por valiosas peças do acervo do Museu Plínio Ayrosa coletadas por Curt Nimuendaju.

A exposição apresentou artefatos relativos à vida cotidiana e ritual dos diversos grupos. Foram expostos, basicamente, artefatos em palha (esteiras, cestos, brinquedos), madeira (bordunas e instrumentos de caça) e plumas (objetos de adorno), além de instrumentos musicais confeccionados com materiais variados. Uma vitrina foi dedicada à ornamentação corporal, exibindo carimbos e matérias-primas utilizadas na pintura do corpo. Fotos de Lux Vidal e Aracy Lopes da Silva, relativas aos Kayapó-Xikrin e aos Xavante, ilustraram os vários temas.

O texto de apresentação da posição situava o interesse teórico pelo estudo das sociedades Jê no contexto das discussões contemporâneas sobre as sociedades dualistas, e dizia que: "A contribuição básica dos estudos mais recentes liga-se à possibilidade de uma análise comparativa entre sociedades que, possuindo uma estrutura baseada em grande número de sistemas de classificação social, combinam-nos cada uma a seu modo e de acordo com as contingências históricas, geográficas e ambientais. Apesar do uso comum de técnicas e matérias-primas, cada grupo possui um estilo inconfundível expresso em sua cultura material.

"Cada uma dessas sociedades encontra-se hoje diante de novos problemas devido ao contato com frentes específicas de expansão da sociedade nacional e de problemas com a política indigenista oficial. Cada uma dessas sociedades reage de uma maneira que lhe é própria, segundo suas características estruturais, sua experiência de contato, seus recursos econômicos, sua garantia de posse sobre o território que habita. Os grupos Jê — apesar de alguns dentre eles terem chegado à quase extinção estão reagindo sistemática e vigorosamente graças à tomada de consciência de sua situação como minoria marginalizada das esferas de decisão da sociedade mais ampla, inclusive daquelas que dizem respeito, diretamente, à sua própria existência."

1980 — *Populações Indígenas do Alto Rio Amazonas.*

A exposição de artefatos procedentes da região do alto Amazonas apresentou cerca de 75 peças pertencentes às coleções Luiz Paixão Silva e Irmã Catarina de Oliveira, coletadas durante as primeiras décadas deste século entre os índios Tukano, Baniwa, Desana, Tariana, Maku, da região do rio Negro, e Tikuna, do alto rio Solimões. Estes exemplares formam a coleção mais valiosa do acervo do Museu. Acompanharam a exposição fotos de Koch Grunberg e de Reichel Dolmatoff, ilustrando aspectos da vida econômica, social e ritual das populações desta área.

Entre os artefatos relacionados com a subsistência, foram apresentadas peças de cerâmica dos índios Tukano e outras de trançado (balaies, cestos de carga, tipiti, abanos) utilizados no processamento da mandioca, principal atividade das mulheres.

Objetos utilizados pelos homens, e relacionados com a caça (como o curare), com a pesca (como as armadilhas para peixe), e com tarefas agrícolas (instrumentos), completaram o quadro das atividades de subsistência.

Estas atividades, assim como a produção de artefatos a elas associadas, pouco foram transformadas pelo contato com a sociedade nacional. A cestaria do Rio Negro da qual a exposição apresentou exemplares antigos, tornou-se recentemente um dos objetos característicos desta área, desde que vem sendo produzida em grande escala para comercialização.

Entre os objetos de adorno constam peças que já não são confeccionadas pelos índios, como os pendentos de quartzo branco, peças de plumária que, juntamente com o escudo de talas trançadas, constituíam a ornamentação cerimonial dos Tukano.

Objetos feitos com dentes, ossos, sementes, madeiras e miçangas completam o mostruário de adornos corporais em uso entre os diversos grupos indígenas da região do Amazonas.

A exposição apresentou, finalmente, alguns elementos da vida ritual destas populações, entre as quais uma máscara de fibra utilizada pelos Tukano por ocasião de ritos funerários, os instrumentos musicais relacionados com a "festa do Jurupari" na região do Rio Negro e o adorno de penas usado na "festa da moça-nova" entre os Tikuna do Solimões.

1981 — *Cultura Material de dois grupos Tupi: Os parakanã e os waiãpi*

Esta exposição apresenta artefatos de dois grupos indígenas de língua Tupi: os Parakanã, localizados no rio Tocantins (Pará), e os Waiãpi, habitantes da margem esquerda do rio Jari, (Amapá). Os exemplares expostos, em números de 90 aproximadamente, foram coletados por Lux Vidal, Antonio Carlos Magalhães e Dominique Gallois, e fazem parte do acervo do Museu Plínio Ayrosa. Contou-se igualmente com a colaboração do Museu Municipal de Paulínia no empréstimo de peças Parakanã.

A exposição tem por objetivo ilustrar aspectos fundamentais da vida econômica destes povos, intimamente ligada à região de mata em que habitam. Em ambos os casos, o território indígena encontra-se ameaçado pela penetração de estradas, hidroelétricas e garimpos, pondo em risco a sobrevivência dos índios, qual depende inteiramente, como mostra a exposição, da integridade destes territórios.

Na apresentação da cultura material dos Waiãpi e dos Parakanã, deu-se enfoque à diversidade de matérias-primas utilizadas na confecção dos artefatos, e que integram produtos de coleta e produtos cultivados. Os objetos foram agrupados segundo suas funções, destacando-se os seguintes temas: habitação e redes, processamento da mandioca (incluindo peças de cestaria e cerâmica), armas e objetos relacionados com a caça; além disto, estão expostos objetos de adorno, representativos da vida ritual dos índios e instrumentos musicais.

Aracy Lopes da Silva
Dominique Gallois

Deptº de Ciências Sociais — USP